

Em meio à incredulidade

SÉRIE: QUEM É JESUS?

INTRODUÇÃO

Relembrar

Em nosso último estudo vimos a ressurreição de Lázaro, e percebemos que Jesus estava manifestando através desse fato que Ele é o senhor da vida e da morte. Vimos também que a morte daqueles que se apropriaram da obra de Cristo, na verdade trará algo que é incomparavelmente melhor.

Embora a morte seja ameaçadora e entristecedora, e nenhum de nós tenha experiência do que venha a ser morrer, podemos ter a tranquilidade de saber que Deus supervisiona a morte dos seus santos, pois é tão preciosa, que Ele dá especial cuidado a ela.

Aprendemos em segundo lugar, que podemos estar alegres, como Jesus, nas situações de morte dos filhos de Deus. Mesmo sentindo falta da pessoa, não devemos ficar desesperados.

Examinemos agora a situação que está ocorrendo ali, em João, cap 11: Jesus ressuscita um homem que já havia morrido há 4 dias, chegando em meio dos lamentos que deveriam durar até uma semana. Já imaginou o impacto disso? No verso 45 perceber: *“Muitos dos judeus que tinham vindo para visitar Maria, vendo o que Jesus fizera, creram nele”*. Por essa causa, muitos creram nele.

Isso me lembra aquela história de Jesus, em que Ele diz que há duas pessoas no seio de Abraão (o destino dos mortos antes da morte de Cristo), e uma delas, que está em tormentos diz a Abraão: “Senhor, manda que alguém dentre os mortos vá avisar os meus irmãos, para que também não venham para esta lugar”. Ao que ele responde: “Não. Eles tem Moisés e os profetas!” E o rico insiste: “Senhor, mas se alguém for dentre os mortos para lá, eles vão crer”. E Abraão replica: “Não, pois eles tem Moisés e os profetas. Se eles não crêem neles, não crerão nem que alguém ressuscite dos mortos”.

Parece que é isso que está acontecendo aqui, pois o verso 46 diz: *“ Mas alguns deles se dirigiram aos fariseus e lhes disseram o que Jesus tinha feito. Muitos creram, mas alguns não”*. O fato de alguém ter ressuscitado dos mortos não foi suficiente para que alguns crescem em Jesus.

O milagre não faz as pessoas crerem, se elas já não iriam crer. Pois estão tão obstinadas no seu propósito que continuam nele, apesar de terem visto e talvez até conversado com um ressurrecto.

Qual foi a atitude de Jesus para com eles? Não o vemos pressionando-os a favor de Si, nem tampouco com o dedo em riste, apontando sua incredulidade. Não insistiu com apelos emocionais para ser tomada uma decisão a seu favor.

Há pessoas que sabem tudo que a igreja ensina de Jesus, mas ainda não tem um relacionamento de fato com o Senhor, e a

compreensão da sua morte na cruz. Apelos emocionais podem ajudar pessoas que não são salvas a pensarem que são salvas.

Jesus não usou desses recursos, Ele simplesmente as ensinou. Na nossa experiência do dia a dia, vamos encontrar também pessoas que não tomam a sua decisão ao lado de Jesus. Não somente no século XX, mas em todos os séculos desde aquelas que viveram com Ele, vendo a Sua glória e poder, houve pessoas percebendo que Jesus era a expressão exata de Deus, contudo não quiseram crer, e tomar uma decisão ao lado de Jesus.

Assim como Jesus tinha à Sua volta uma comunidade de incrédulos, nós também temos. Contudo vale a pena vermos esse texto e entendermos um pouco o perfil, as motivações e as causas e também as abordagens que poderemos ter com essas pessoas.

Vejamos primeiramente os quatro tipos de incrédulos, de ímpios, de pessoas que até podem achar que são salvas, mas que estão indo para o inferno e andando nas trevas:

Os indiferentes

Veja o verso 46:

Mas alguns deles dirigiram-se aos fariseus e lhes disseram o que Jesus tinha feito (Jo 11.46).

Eles viram Jesus ressuscitar um morto há quatro dias e perceberam o amor e o poder de Jesus. A maior parte das pessoas que viram-no fazer isso passou a crer nele, mas esses outros se tornaram absolutamente indiferentes. Porque?

Porque as suas mentes não estão voltadas para as coisas de Deus. Elas podem até ter interesse em chegar para ver o que Jesus tem poder para fazer, como esses fizeram. No funeral, podem até parar para pensar qual é o fim de todos os homens. Depois param diante de uma TV, de um programa e esquecem o que é a vida e o fato de que um dia prestarão contas a Deus. Elas estão indiferentes.

É interessante, embora triste, ver as pessoas que passaram por um seqüestro. Algumas delas depois de resgatadas dizem ter lido o Novo Testamento várias vezes, quando no cativeiro.

Algumas afirmam que após esse seqüestro jamais poderão ser as mesmas. Mas eu tenho a curiosidade de saber quais são as posições dessas pessoas dois anos após essa experiência.

A verdade é que quando passamos por aperto e ameaças, nos voltamos para Deus. Contudo depois, normalmente as nos tornamos indiferentes. E assim era no tempo de Jesus também.

Os interessados

“Ao se aproximar a Páscoa judaica muitos foram daquela região para Jerusalém para participarem das purificações cerimoniais antes da Páscoa. Continuavam a procurar a Jesus e no templo perguntavam uns aos outros: O que vocês acham, será que Ele virá à festa?” (Jo 11.55,56).

Havia algumas pessoas naquela comunidade que estavam interessadas em Jesus. Elas já haviam ouvido falar do que Jesus tinha feito e agora havia a grande festa da Páscoa, em Jerusalém.

Imaginemos Jerusalém, nos tempos de Jesus, que não tinha mais que 800 metros de comprimento por 500 de largura (no lugar mais largo). O historiador Flávio Josefos diz que, por ocasião da Páscoa, (não acumulados ali dentro, mas somando ao redor também) a cidade chega a ter 3 milhões de pessoas.

O assunto da festa é Jesus, e pessoas que estão interessadas em alguém que se destaca não se contentam em ouvir as notícias, mas querem chegar perto e desejam tocar nessa pessoa. Querem um autógrafo, por exemplo, como vemos hoje com os artistas e esportistas.

As pessoas não são indiferentes, estavam interessadas no assunto. Talvez elas desejassem somente ver os milagres de Jesus. Estão em trevas, mas são interessadas.

Os cínicos

“Então um deles chamado Caifás, que naquele ano era o sacerdote tomou a palavra e disse: Nada sabeis. Não percebeis que vos é melhor que morra um homem pelo povo e que não pereça toda a nação?” (Jo 11.49,50).

Caifás era o sumo-sacerdote. Ele era genro de Anás, que foi o sumo-sacerdote do ano 8 ao ano 15, sucedido por seus 3 filhos nos anos seguintes, até que Caifás tomou o poder no ano 18. Ali ficou por 18 anos, até o ano 36.

Esse cargo era negociado, e no caso dele, foi colocado por Valério, o prefeito de Roma, naquela posição em troca de dinheiro que deveria ser arrecadado nos impostos do povo, pois o templo, naquelas comunidades antigas era o centro das atividades econômicas das nações.

Não se restaurava um templo inimigo por causa da adoração do povo, mas para que o inimigo pudesse arrecadar os impostos e os seus dominadores pudessem desfrutar deles. Era algo negociado.

Caifás tinha então, a dominância política da nação, como representante do partido dos saduceus. Os saduceus eram materialistas, não se interessavam pela lei de Deus, e só usavam a Palavra de Deus quando ela servia para apoiar alguma posição deles.

Nessa ocasião eles estavam discutindo a situação nacional:

- Olha, esse Jesus está crescendo e todos estão crendo nele. O que vamos fazer? Pois ele vai acabar liderando um levante, uma revolução e Roma vai vir para destruir o nosso templo com seus exércitos! Precisamos fazer alguma coisa!

E Caifás, arrogantemente diz que eles não sabem de nada, que são ignorantes:

- Vocês não sabem que está escrito que convém que alguém morra pelo povo?

Nisso está usando a Palavra de Deus para dizer que devem matar a Jesus. Ele é um cínico!

Você já encontrou pessoas assim, que lêem a Bíblia e a usam somente para tentar tirar a sua autoridade? São os cínicos.

Os hostis

Vemos nos versos 48 e 53:

Se o deixarmos assim todos crerão nele, e então os romanos virão e tirarão tanto o nosso lugar (que provavelmente é o templo) quanto a nossa nação. Assim é que daquele momento em diante resolveram tirar-lhe a vida.

Quem começa o discurso para resolver esse problema são os fariseus. Os fariseus eram um grupo religioso, que tinha autoridade de interpretação e ensino da lei. Eles eram religiosos. Eram uma minoria no Sinédrio (o senado) judaico, contudo eram barulhentos, e conseguiam impor uma série de coisas.

A preocupação deles era a desarticulação da estrutura religiosa:

- Se nós deixarmos esse homem ressuscitar as pessoas, como está fazendo, o que vai nos acontecer? A nossa liderança, o nosso templo vai desaparecer.

Eles não precisavam temer nenhum levante político liderado por Jesus, porque Jesus já havia se posicionado sobre isso.

Quando Lhe perguntaram se deviam pagar impostos ou não, Jesus respondeu:

- Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus.

Esse grupo está tentando matá-Lo com esse argumento de um levante, mas eles eram simplesmente hostis a Jesus. Creio que poucos de nós já tenhamos vivido essa experiência de sofrer tal hostilidade:

Há anos atrás lemos notícias do que aconteceu na Indonésia, quando cerca de 300 templos cristãos foram queimados pelos muçulmanos. Em alguns contextos, de fato, se você diz que é cristão você já é morto.

Alguns de nós enfrenta hostilidade dentro da Universidade, da família ou do lugar de trabalho. Isso não começou conosco. Foi sempre assim.

Mas porque, apesar de tantas evidências as pessoas não crêem?

Há alguns dias estava conversando com um grupo sobre “estilo de vida”, e eles me descreveram qual era o estilo de vida que levavam: tinham amargura, hostilidade, sentimento de culpa e gritaria. E eu perguntei se eles achavam que Deus tinha um estilo melhor de vida para eles. Eles concordavam que sim. É lógico que tem! E ao contemplar na Palavra de Deus qual é o estilo de Deus para nossa vida deveríamos nos alegrar e crer.

Entretanto, porque tantas pessoas preferem viver na miséria e na mediocridade, e não desfrutam e não crêem no que Deus tem? Eu apresento aqui duas causas superficiais, e depois duas causas básicas para isso:

Tradição religiosa

Há pessoas que, simplesmente, estão apegadas a tradições religiosas, como o meu pai. Algumas vezes quando falei de Jesus, e somente de Jesus a ele, ele respondeu:

- Mas eu sou católico!

Eu não estava falando de igreja, mas ele respondeu que era católico. Embora nos meus 42 anos de vida nunca tenha visto ou ouvido que meu pai tenha ido a uma igreja católica. Porém por tradição ele é católico.

Assisti na TV um debate entre o Paulo Henrique Amorim, um bispo e um cientista da religião. O cientista, que era católico,

colocou que o catolicismo é uma religião somente de símbolos, onde não existem realidades, somente símbolos. E o bispo concordou com isso.

Quantas vezes as pessoas estão apegadas a essa religiosidade como a coisa mais importante de suas vidas? Entretanto, não entendem nada.

Isso também existe nas igrejas evangélicas. Há pessoas que estão dentro de igrejas por muito tempo e ainda não nasceram de novo. Conhecem toda a estrutura, cantam todos os hinos e cânticos mas não conhecem a Jesus. Presos a religiosidade, são pessoas que nunca foram realmente dos nossos. São somente religiosos, conheceram o evangelho, mas não o Cristo.

Certa vez um homem me falou que sentia muita falta da “bênção”, que na maior parte das igrejas se diz no término do culto. Então eu lhe perguntei:

- Você quer a bênção? Obedeça a Palavra de Deus e você a terá.

Esse homem dizia sentir falta da bênção, e pouco depois disso deu um golpe financeiro em alguém aqui da igreja. Também tentou dar o mesmo golpe na igreja. Era um estelionatário, só religioso e com “falta da bênção”.

Alguns vivem a sua religiosidade mas não conhecem ou entendem a Cristo, dando valor às formas em lugar do estudo da Palavra.

Situação social (Status)

Outras pessoas não crêem por questões econômicas, como os saduceus. Caifás havia sido nomeado. Valério Crato o havia feito o acordo e indicado para essa posição de dinheiro. Alguns acham que quando eles dizem:

Tirarão o nosso lugar como a nossa nação (Jo 11.48).

Na verdade, os sacerdotes estariam dizendo a respeito da “boquinha” e não do lugar no templo. Seria o fato de estarem ali ganhando o dinheiro e as vantagens que possuíam.

Essas pessoas que se preocupam só em ganhar dinheiro, quase sempre estão indiferentes a outras questões. Os saduceus achavam que a vida se resumia a essa terra. Iriam morrer e acabou! Eram totalmente materialistas e cínicos sobre a ressurreição, e só se preocupavam com seu bem estar. Tendo dinheiro no bolso e alguma posição política dentro da nação eles diziam: “Está tudo bem!”

Há outras razões superficiais que poderiam ser colocadas, mas eu gostaria de colocar as razões básicas:

Morte espiritual

“Deus nos deu vida estando nós mortos em nossos delitos e pecados” (Ef 2.1).

A primeira razão porque as pessoas rejeitam a Deus é porque estão mortas espiritualmente, e nessa condição não fazem nada. Não buscam ou escolhem nada. Além disso, Paulo acrescenta:

se o nosso evangelho ainda está encoberto, é para os que se perdem que está encoberto, nos quais o deus desse século cegou o entendimento (2 Co 4.3,4).

Por isso ele rejeitará a Deus, fugirá dEle e não fará o bem que Deus deseja, por livre escolha, mas tomará uma direção totalmente contrária a Deus. A não ser que Deus tenha

misericórdia e a compaixão de sensibilizar esse homem. Por essa razão eu gostaria de dizer que quando se encontra pessoas que tem rejeitado o evangelho, primeiro, devemos confiar em Deus.

Em Jo 16.7-10 vemos a mensagem de que é o Espírito Santo que convence o mundo da justiça e do juízo. É Ele quem convence, embora seja certo que Ele também usa do ministério dos Seus filhos, mas não tente convencer o incrédulo por si mesmo.

Confie no que Deus está fazendo com aquele coração! Entregue-se a Deus e confie. Você pode orar por ele, mas é Deus quem vai fazer a obra no coração dele. Não tente substituir essa obra de Deus!

Um dos grandes problemas da igreja, talvez aconteça porque pessoas tem sido convencidas por outras pessoas, e não pelo Espírito de Deus. É só vermos a quantidade dos ex-combatentes. Será que foram combatentes um dia?

Jesus chega a dizer: *“Se eles saíram do nosso meio é porque não eram dos nossos”*.

Confie no que Deus vai fazer. Em Jo 6.39, lemos:

A vontade de quem me enviou é esta : que nenhum eu perca de todos os que me deu. Pelo contrário, eu o ressuscitarei no último dia.

Jesus disse que não vai perder nenhum daqueles que o Pai Lhe deu, por isso podemos confiar que Ele é absolutamente soberano em todo esse processo de salvação de quem quer que seja. Quem vai chegar de fato a Jesus, acolherá a Jesus. Por livre escolha, mas movido pela graça de Deus. Não confie nos seus argumentos ou no seu controle da situação. É Deus quem controla todas as coisas, confie somente nEle.

Siga o exemplo de Jesus. Será que conseguimos imaginar o que vem a ser “que Deus não poupou a Seu próprio Filho, antes O entregou por nós?”

Hudson Taylor, fundador da Missão para o Interior da China, era ainda jovem, quando despediu-se de sua mãe no porto e tomou o navio rumo à China. Ao começar a se afastar do porto, contemplando sua mãe sozinha no cais, em prantos, conta que ali entendeu o significado de “Deus ter amado o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho”.

Estamos prontos a dar nossos filhos, por amor a alguém? A primeira vez quando o evangelho chegou a nós, brasileiros, foi em 1555. Villegagnon vem da França com um grupo de pessoas, com a proposta de estabelecer nesse país uma comunidade cristã, com a liberdade de cultuar a Deus.

Três anos depois, ele traiu os seus. Naquela ocasião os homens que não foram mortos pelos jesuítas no Rio de Janeiro, conseguiram entrar em seu navio e fugir para alto mar, onde morrem de fome. Pessoas morreram por nos trazer o evangelho.

A segunda vez foi em 1624, quando os holandeses chegam na Bahia, e se estabelecem no nordeste por 30 anos. Na ocasião em que eles foram expulsos e mortos neste país, tinham 40 pastores e 8 missionários pregando aos índios, e fazendo com os que se convertiam vilas cristãs de índios. Esse povo foi morto, suas mulheres foram violentadas, e por quase 200 anos

foi proibido pregar o evangelho no Brasil. Ninguém falou ou fez nada.

Até que comerciantes ingleses, desejosos de que o evangelho chegasse até nós, diplomaticamente negociaram a possibilidade de comércio. Assim, alguns representantes comerciais vinham até aqui com cargas e cargas de Bíblias, na nossa língua, cruzando em lombo de burro, de norte a sul e de leste a oeste, para entregá-las, em 1819. Foram mortes, esforços e sacrifícios! E nós, o que estamos fazendo?

O nosso Pai entregou o Seu Filho. Missionários que vieram até nós, deixaram os seus países, seu conforto, e bem estar para que ouvíssemos o evangelho. O que estamos fazendo? O Senhor Jesus disse: *“Vós sois o sal da terra. Vós sois a luz do mundo”*. Nós somos essas duas coisas. Mas o que elas representam?

Quando alguém viajava, no mundo antigo, não era tão agradável e fresquinho. Era bem mais quente, lá na Palestina e algumas vezes as pessoas perdiam tanta água do organismo, sem perceber, que entravam num processo de desidratação levando-as à morte. Por isso eles levavam consigo uma bolsa que continha algumas pedras de sal, e de quando em quando pegavam uma das pedrinhas e ficavam chupando.

Primeiramente, isso lhes provocava sede, e também ajudava a reter o líquido no corpo. Na medida em que iam chupando a pedra de sal, eles sentiam sede.

Creio que quando Jesus diz que somos o sal da terra Ele deseja que tenhamos uma vida tal, desfrutando da Sua sabedoria, bondade e poder, que as pessoas vejam e possam ter sede desse tipo de vida. Aí, quando alguém está sedento fica bem mais fácil ser a luz do mundo, e mostrar o caminho por onde a pessoa deve andar.

Os incrédulos estão à nossa volta e somos privilegiados nesse processo de sermos instrumentos para levá-los à presença de Deus! Alguns são religiosos, alguns cínicos e outros preocupados somente no bem estar econômico. Alguns estão interessados, outros são hostis ou indiferentes, mas é para essa comunidade lá fora que Deus nos constituiu sal da terra e luz do mundo! Possa Ele nos abençoar no desempenho dessa função!